



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE – CAA  
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE – NFD  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUCIELLY MARIA DOS SANTOS

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: visibilidade, atuação e desafios**

CARUARU

2024

LUCIELLY MARIA DOS SANTOS

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: visibilidade, atuação e desafios**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

**Área de concentração:** Educação.

**Orientadora:** Fernanda Sardelich Nascimento

CARUARU

2024

## PEDAGOGIA HOSPITALAR: visibilidade, atuação e desafios

Lucielly Maria dos Santos<sup>1</sup>

### Resumo

A educação é um direito social que deve ser garantido para todas as crianças e adolescentes, inclusive em espaços não escolares como os hospitais. Partindo desse pressuposto, este trabalho, de caráter qualitativo, exploratório e bibliográfico, teve como objetivo investigar como a pedagogia hospitalar possibilita a continuidade da aprendizagem de crianças enfermas, tendo em vista que a hospitalização não deve ser necessariamente, impedimento para exercer o direito educacional. Para isso foi necessário refletir como ocorre o trabalho do pedagogo hospitalar e também identificar quais são os desafios que permeiam esse lócus social. Diante disso verificou-se que ainda há fragilidades com a materialização de oferta formativa inicial na atuação docente em contexto hospitalar, assim como do próprio serviço em classes hospitalares. Por fim, pontuamos a importância que a pedagogia hospitalar possui na melhoria da qualidade de vida e a necessidade urgente de mais visibilidade da temática e investimentos materiais para que o processo exclusivo dos estudantes enfermos diminua progressivamente.

**Palavras-chave:** pedagogia hospitalar; classe hospitalar; educação e saúde.

---

Aprovado em: 20 de março de 2024.

---

### 1 INTRODUÇÃO

Historicamente a vida das crianças foi marcada por diversas violações e desconsiderações, não havendo nenhuma distinção entre elas e os adultos tanto nas vestimentas quanto na forma de tratamento (Ariès, 1981). Embora tenham ocorrido grandes conquistas para infância tanto no tocante a garantia de direitos importantes – por exemplo: a educação, o lazer e a saúde – quanto para o desenvolvimento total desta categoria social, ainda há muitas lutas para efetivação plena destes. Os aparatos legais que instruem e normatizam os direitos das crianças e dos adolescentes (como a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA) buscam assegurar suas necessidades, de modo que a integridade física, psíquica e social desses sujeitos seja preservada.

Legalmente são consideradas crianças aquelas que possuem até doze anos de idade incompletos e adolescentes que em entre doze e dezessete anos e 11 meses de idade (ECA, 1991). A educação é um direito social reconhecido e garantido através da Constituição Federal de 1988, conforme enuncia o artigo 205:

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: lucielly.santos@ufpe.br

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Com isso, evidencia-se que a educação é um instrumento imprescindível tanto para o desenvolvimento intelectual quanto para a própria formação social. Muito embora, a escola seja o lócus educacional mais comum, não é o único, as práticas educacionais em espaços não convencionais como associações, organizações não governamentais – ONGs e hospitais, por exemplo, são maneiras alternativas que favorecem a continuidade do ensino.

Sabemos que o adoecimento é um aspecto inerente da vida, e a depender do quadro de adoecimento a hospitalização se faz necessária, incluindo uma internação prolongada. Nessas situações ocorrem rupturas significativas que distanciam as crianças da rotina cotidiana para uma nova. Assim, a criança acaba por vivenciar um espaço-tempo, o qual acreditamos não ser correspondente à infância, que deveria ser permeado pelo movimento e descoberta, por suas características de serem ativas e criativas. Dessa forma, é salutar que haja um olhar atencioso para essas crianças, de modo que seus direitos sejam mantidos e que possam se reaproximar do que seria correspondente a uma infância saudável, com momentos de aprendizagens e interação social (Souza; Rolim, 2019).

É com o objetivo de atender as crianças que estão em internação prolongada que começa a surgir os primeiros debates do lugar da pedagogia nos contextos hospitalares. Os primeiros traços do que seria uma pedagogia hospitalar, ou seja, de uma intervenção escolar nos hospitais, começa em 1935 com a inauguração da primeira escola voltada para crianças que estavam desassistidas da escolaridade, por Henri Sellier, na França (Esteves, 2008).

Conforme Vasconcelos (2006, p.3):

Essa primeira experiência chegou a atender cerca de 80 crianças hospitalizadas por mês. Seu exemplo foi seguido na Alemanha, em toda a França, na Europa e nos Estados Unidos, com o objetivo de suprir as dificuldades escolares de crianças tuberculosas, moléstia fatal à época grandemente contagiosa. Pode-se considerar como marco decisório das escolas em hospital a Segunda Guerra Mundial.

Se partirmos do entendimento que saúde não se limita a ausência de enfermidades, mas é na verdade um estado completo de bem-estar físico, mental e social (Organização Mundial da Saúde, 1946), a educação hospitalar contribui no exercer os direitos: educativo, a cidadania e da própria infância, dando continuidade à aprendizagem por meio do lúdico e também contribuindo para a socialização com outras crianças, buscando propiciar uma maior

qualidade de vida em momentos que possam rememorar situações comuns a vivência externa a hospitalização (Rolim; Góes, 2009).

No ano de 1939, foi criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para Infância Inadaptada – CNEFEI de Suresnes, que tinha o objetivo de formar professores para atuarem nos hospitais. No mesmo ano, o Ministério de Educação Francês cria a função do pedagogo hospitalar (Esteves, 2008).

Segundo Vasconcelos (2006, p. 03), o CNEFEI:

[...] promove estágios em regime de internato dirigido a professores e diretores de escolas; a médicos de saúde escolar e a assistentes sociais. A Formação de Professores para atendimento escolar hospitalar no CNEFEI tem duração de dois anos. Desde 1939, o C.N.E.F.E.I. já formou 1.000 professores para as classes hospitalares, cerca de 30 professores a cada turma. A cada ano ingressam 15 novos professores no Centro. Hoje todos os hospitais públicos na França têm em seu quadro 4 professores: dois de ensino fundamental e dois de ensino médio. Cada dupla trabalha em expedientes diferentes, de segunda a sexta.

Assim, na França é preservado o entendimento cultural de que a escola não é um ambiente limitado a quatro paredes, mas sim que a educação precisa ser exercida onde houver necessidade. No Brasil, o movimento pedagógico em classes hospitalares teve seu início alguns anos mais tarde, em 1950, no Hospital Municipal Jesus Nazareno localizado no Rio de Janeiro (Rodrigues, 2012). Anteriormente as crianças e adolescentes acometidas por patologias agudas ou crônicas que ficavam internadas por longos períodos tinham o direito educacional violado, não podendo frequentar a escola e não participando de nenhuma atividade educativa (Cruz; Silva, 2021). É com esse movimento que reafirmamos que a educação não se limita aos prédios das instituições escolares e permitindo o acompanhamento educacional de crianças internadas por longos períodos que a pedagogia hospitalar atua buscando evitar a marginalização<sup>2</sup> desses sujeitos.

Na construção das classes hospitalares no Brasil, duas enfermarias são consideradas pioneiras na pedagogia hospitalar brasileira: o Hospital Municipal Jesus Nazareno e o Hospital Barata Ribeiro, ambos localizados no Rio de Janeiro. Essas iniciativas foram muito importantes para o surgimento de classes hospitalares no país, assim como se tornaram um importante instrumento para estudo e debate desse movimento no Brasil. Segundo o Ministério da Educação – Secretária da Educação Especial (MEC/SEESP), a Classe

---

<sup>2</sup> Empregamos o termo para evidenciar que essas crianças se encontram sujeitas a ausência de continuidade de formação educacional, ficando a margem da própria doença e ocorrendo a negação de exercer o direito educativo.

Hospitalar é “[...] o atendimento pedagógico educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental” (MEC 2002, p.13).

Porém, só em 1996 as classes hospitalares são inseridas na LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, através da lei nº 9.394/96, categorizada como educação especial. Dessa maneira, a pedagogia hospitalar é regulamentada, ou seja, apresenta objetivos e procedimentos específicos que possuem finalidade, não se tratando de assistencialismo ou de uma forma de ocupar o tempo ocioso da criança enferma de forma despreziosa.

Sobre a educação especial Batista (2014, p. 16) discorre que “[...] pode ser definida em uma proposta pedagógica que assegura um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais. Estes são organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns”. Assim, como forma de garantir à educação de crianças doentes que se encontram impossibilitadas de continuarem desenvolvendo a aprendizagem nas escolas por situação de internação prolongada, as classes hospitalares foram incluídas nessa modalidade.

Compreendemos as classes hospitalares como locais de inclusão e socialização, que buscam proporcionar a continuidade do processo de ensino e aprendizagem, garantindo o acesso aos conhecimentos àqueles que se encontram impossibilitados de irem ao ambiente escolar, por motivos que possam colocar em risco seus quadros clínicos e respeitando o que a Resolução 41/1995 – que trata especificamente sobre a Criança e o Adolescente Hospitalizados – em seu artigo 9º diz sobre: “direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”. Ainda relacionado à legislação, em 2002 o Ministério da Educação elabora um documento de estratégias e orientações para o atendimento nas classes hospitalares, assegurando o acesso à educação básica.

Recentemente a Lei 13.716/18 veio acrescentar o que já era garantido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) afirmando que os alunos da educação básica que se encontrem internados para tratamento prolongado de saúde devem receber atendimento educacional, seja no ambiente hospitalar ou em suas casas. Conforme Quintana *et al.* (2007) uma internação hospitalar prolongada pode desencadear na criança alguns sentimentos como: sensação de abandono, ansiedade decorrente do desconhecido, medo da morte e até mesmo na

perspectiva infantil ser tida como uma espécie de castigo por algo que ela fez ou deixou de fazer, como explicitado no relato a seguir dos mesmos autores:

Um menino de 10 anos, na entrevista lúdica, brinca representando que havia dois meninos doentes internados e em torno dos meninos estavam os familiares que cuidavam deles: a mãe e a avó. Ao lhe ser indagado por que as crianças estavam internadas, o paciente respondeu que eles estavam com pontada (nome popular dado à pneumonia, doença diagnosticada no paciente autor da história), pois tinham teimado e ido para a rua. (p. 421).

Nesse sentido, acreditamos que a presença afetiva e a escuta atenta dos familiares e dos profissionais que estão cuidando da criança é fundamental, para ajudá-las a entender esses sentimentos e que não devem se sentir responsabilizados pela enfermidade acometida e construir um novo cotidiano que garanta um senso de normalidade nessa nova situação (Simonato; Mitre; Galheigo, 2019).

Costa e Rolim (2020, p. 7) acreditam que a pedagogia no hospital “expressa o reconhecimento de que os direitos à cidadania precisam ser mantidos, independentemente da condição de paciente”, pois a hospitalização não deve ser empecilho para exercer o direito educacional e vivenciar experiências como o socializar, o brincar e o aprender. Compreende-se que as classes hospitalares são resultados das lutas para efetivação dos direitos ao exercício da cidadania e da educação que as crianças doentes possuem, independentemente do período de hospitalização. Nesse sentido, “a garantia da continuidade da escolarização se alia à manutenção da saúde psíquica do escolar doente” (Batista, 2014, p. 13), pois oportuniza a aproximação com uma rotina diferencial a hospitalar e que se assemelham as atividades que faziam parte do cotidiano anterior ao período de internação.

Assim, a classe hospitalar possibilita devolver um pouco de normalidade do viver a infância, a intervenção educacional além de contribuir na garantia dos direitos e na oportunidade de aprendizagem, ajuda no reconhecimento da identidade da criança construindo um repertório emocional, cognitivo e social que mantém uma ponte com a vida familiar e social e com a nova realidade de rotina hospitalar (Vasconcelos, 2006).

Um aspecto importante a se considerar é que muito embora a educação tenha garantia legal, infelizmente ainda há poucas classes hospitalares em nosso país. Segundo Fonseca (2008, p. 117-118):

(...) do ano de 1950 até 1980 existia apenas 1 classe hospitalar no Brasil. Sendo que de 1981 a 1990, passou a existir 8 classes, porém de 1991 a 1998, este número aumentou para 30 classes hospitalares, talvez em consequência do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) oficializado na década de 90. No ano de 2000, eram 67 classes, no entanto, números mais recentes,

divulgados pelo Censo Escolar de 2006 do Ministério da Educação, em parceria, com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP revelam um total de 279 classes hospitalares públicas no Brasil, sendo 160 destas Estaduais e 119 Municipais.

Isso demonstra os entraves que inviabilizam a ampliação de oferta dessa modalidade de ensino no país, tais como o desconhecimento desse segmento educacional por parte da sociedade, a falta de investimentos para abertura e manutenção de mais classes hospitalares e a oferta de especializações para que mais pedagogos possam ocupar esta área de atuação e garantir a democratização do ensino.

Com isso, justifico a escolha desta temática por unir duas áreas do conhecimento as quais a autora possui afinidade, a educação e a saúde. Além disso, durante a graduação a disciplina eletiva de pedagogia hospitalar trouxe uma experiência muito positiva que despertou curiosidade e instigou a procura compreender, enquanto futura profissional, como a educação pode ser exercida no âmbito hospitalar, de modo a assegurar os direitos e contribuir na melhoria da qualidade de vida das crianças que estão hospitalizadas por longos períodos. Partimos do pressuposto, como indicado na literatura já exposta anteriormente, de que há uma carência de estudos na temática e isso se deve a falta de visibilidade que essa possui na formação inicial de professores e também da pouca atenção por parte das políticas públicas, o que contribui para exclusão dessas crianças do exercício do direito educacional devido à condição de internação prolongada.

Buscou-se evidenciar por meio de um mapeamento a visibilidade que a pedagogia hospitalar vem apresentando nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em pedagogia das universidades federais nordestinas. Também se procurou através da literatura compreender como ocorre a atuação do pedagogo hospitalar e alguns dos desafios que permeia essa atuação a partir dos relatos dos pedagogos e pedagogas que trabalham na educação hospitalar.

Diante disso, esse artigo consiste em uma revisão da literatura que busca através da pergunta norteadora entender: “Como ocorre à continuidade da aprendizagem escolar de crianças hospitalizadas por longos períodos?”. A pesquisa tem como **objetivo geral:** investigar como a pedagogia hospitalar possibilita a continuidade da aprendizagem de crianças hospitalizadas por longos períodos, e como **objetivos específicos:** refletir como ocorre o trabalho do pedagogo hospitalar a partir das narrativas dos pedagogos atuantes na área; identificar quais são os desafios que permeiam o âmbito da pedagogia hospitalar, para

profissionais da área, segundo a literatura; mapear a visibilidade da pedagogia hospitalar na graduação em pedagogia das universidades federais nordestinas.

## 2 METODOLOGIA

Buscou-se explicar os caminhos metodológicos escolhidos para analisar os dados que se propõem a responder à pergunta orientadora do estudo: “Como ocorre à continuidade da aprendizagem escolar de crianças hospitalizadas por longos períodos?”.

### **Percurso metodológico**

A partir da pergunta orientadora e dos objetivos pensados para realização do estudo, optou-se por desenvolver uma revisão bibliográfica de natureza exploratória sob a perspectiva da abordagem qualitativa. Minayo (2002) compreende a perspectiva qualitativa como uma forma mais aprofundada das relações e processos sociais, pois trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que não podem ser reduzidos a quantificação.

A revisão bibliográfica de natureza exploratória tem conforme Gil (2008) “o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (p. 27), assim pretende-se compreender como a pedagogia hospitalar possibilita a continuidade da aprendizagem de crianças enfermas internadas por longos períodos e quais são os desafios enfrentados, a partir dos discursos dos pedagogos hospitalares.

Para o levantamento de estudos que descrevessem a atuação pedagógica em meio hospitalar foi utilizado como fonte de busca duas plataformas: o Periódicos CAPES do Governo Federal e *Scientific Eletronic Library Online* - SCIELO, utilizando a seguinte combinação de descritores:

1. “Classe Hospitalar” AND “Atendimento Educacional”;
2. “Pedagogia Hospitalar” AND “Atendimento Educacional”;
3. “Pedagogia Hospitalar” AND “Classe Hospitalar”

E como critério de acessibilidade ser escrito em língua portuguesa, como parâmetro para escolha dos materiais procurou-se trabalhos que envolvessem profissionais atuantes da área da classe hospitalar, como sujeitos de pesquisa, ou em relato de experiência, uma vez que os relatos desses profissionais eram parte de nosso interesse de pesquisa. Como escopo temporal, conforme os critérios anteriormente citados, obtivemos trabalhos a partir de 2009

até o ano de 2021, revelando a necessidade de mais pesquisas na temática levando em consideração que não se encontrou estudos mais recentes com o recorte temporal em que se desenvolve essa pesquisa em questão.

Por meio do levantamento, foi encontrado um total de 66 (sessenta e seis) trabalhos sobre a temática a partir dos descritores nas bases de dados consultadas. Pela análise dos resumos, foram excluídos trabalhos que não envolvessem entrevistas ou estudos de caso direto com profissionais atuantes na educação hospitalar, restando 11 (onze) estudos que estão apresentados no quadro a seguir:

<b>2021</b>	BRITO, Miriã Martins de	Atendimento educacional hospitalar em uma perspectiva lúdica: processos educativos emergentes.
<b>2017</b>	BARBOSA, Andreza da Silva; GIMENES, Priscila Alvarenga Cardoso.	"Desafios e conquistas da pedagogia hospitalar: a contribuição pedagógica no processo de aprendizagem da criança hospitalizada em tratamento oncológico."
<b>2021</b>	PINEL, Hiram; BRAGIO, Jaqueline; SOBROZA, Marcio Colodete.	Ser professor da educação especial: experiência narrada e vivida (no hospital e) na classe hospitalar.
<b>2013</b>	FREITAS, Léia Gonçalves de	Brinquedoteca e o professor brinquedista na educação em ambiente não escolar.
<b>2018</b>	RODRIGUES, K. R., BELANCIERI, M. F., CAPELLINI, V. L. M. F., & dos Reis, V. L	Pedagogia hospitalar: intervenções na unidade pediátrica a partir da contação de histórias.
<b>2009</b>	ROLIM, Carmem Lúcia Artioli; GÓES, Maria Cecília Rafael de.	Crianças com câncer e o atendimento educacional nos ambientes hospitalar e escolar.
<b>2020</b>	SANTOS, Raffael Bruno Gomes dos; CONCEIÇÃO, Cláudia Cristina da; CAVALCANTE, Tícia Cassiany Ferro.	A importância da classe hospitalar Semear do Recife no processo de continuidade da escolarização dos estudantes/pacientes com câncer.
<b>2018</b>	SCHMENGLER, Angélica Regina; FREITAS, Soraia Napoleão; DE OLIVEIRA PAVÃO, Sílvia Maria.	Acessibilidade no atendimento educacional de alunos público-alvo da Educação Especial em uma Classe Hospitalar do estado do Rio Grande do Sul.
<b>2019</b>	SOUZA, Zilmene Santana; ROLIM, Carmem Lucia Artioli.	As vozes das professoras na pedagogia hospitalar: descortinando possibilidades e enfrentamentos.
<b>2016</b>	TEIXEIRA, Ricardo Antonio Gonçalves <i>et al.</i>	Educação inclusiva: atendimento educacional em um hospital de tratamento ao câncer em Goiás.
<b>2013</b>	LINHEIRA, Caroline Zabendzala; CASSIANI, Suzani; MOHR, Adriana.	Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores

Fonte: autoria própria (2023)

Além disso, utilizou-se a análise documental de forma superficial dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em Pedagogia das universidades federais do nordeste, de modo a entender se há lugar para pedagogia hospitalar na formação inicial pedagógica. Ludke e André (1986, p. 39) afirmam que:

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte "natural" de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.

Os dados obtidos foram examinados através de uma análise descritiva de conteúdo que na perspectiva de Moraes (1999) essa técnica permite analisar as comunicações dos textos e identificar os inúmeros sentidos que há no material em análise. O resultado e discussão dos dados serão apresentados a seguir.

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Nesta sessão abordou-se em três subtópicos o que se obteve de dados, discutindo e dialogando com autores sobre os seguintes aspectos: a atuação do pedagogo hospitalar, os principais desafios e a necessidade de repensar o currículo de formação inicial de docentes.

#### **3.1 A atuação pedagógica no ambiente hospitalar**

O educador que pretende atuar no segmento hospitalar segundo o documento do Ministério da Educação “Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações” deverá:

[...] ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo. Compete ao professor adequar e adaptar o ambiente às atividades e os materiais, planejar o dia a dia da turma, registrar e avaliar o trabalho pedagógico desenvolvido (Brasil, 2002, p. 22).

Como uma forma de garantir à educação de crianças doentes que se encontram impossibilitadas de continuarem desenvolvendo a aprendizagem nas escolas por situação de internação prolongada, as classes hospitalares foram incluídas na modalidade da educação especial que “[...] pode ser definida em uma proposta pedagógica que assegura um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais. Estes são organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns” (Batista, 2014, p. 16). Para tanto, é preciso conhecer o perfil socioemocional do

aluno-paciente, pois só compreendendo a patologia que o acomete, é possível propor atividades respeitadas a condição atual do estudante e também desafiadoras, de modo a estimular o desenvolvimento da aprendizagem (Paula, 2007).

Teixeira *et al* (2016) compreende que ter uma “escola” no hospital auxilia na desvinculação desse ambiente enquanto lugar de isolamento, auxiliando na melhoria da qualidade de vida do educando que encontra na classe um lócus que o reaproxima da sua vida externa através da socialização com outros. Constatamos a veracidade disso no trabalho realizado por Freitas (2012), que em relato de uma mãe afirma que: “antes meu filho não tinha o que fazer aqui no hospital, ficava triste, deprimido, agora não acho até que depois disso ele começou a melhorar está sempre sorrindo” (p. 95). No mesmo trabalho, em outro relato de uma mãe de criança internada, surge a importância da socialização promovida pelas classes hospitalares, quando destaca que “[...] ela pode conversar com muita gente e se divertir, sem contar que as atividades são boas demais” (Ibid., p. 94). Dessa forma, a pedagogia hospitalar viabiliza uma reintegração das crianças internadas com o convívio educacional, mostrando-se indispensável a não interrupção do processo de aprendizagem escolar e dos estímulos cognitivos do educando hospitalizado.

Em comum nos trabalhos analisados está a compreensão de que a escuta pedagógica é indispensável, essa escuta é uma maneira oportunizar a expressão verbal do educando e também de criar e manter um diálogo contínuo e afetivo de troca de informações, experiências, sentimentos e saberes (Fontes, 2005), visto que o aluno pode estar indisposto e não demonstrar entusiasmo ou interesse para realizar as atividades em alguns momentos, seja devido o tratamento e/ou pelo bombardeio medicamentoso e nesses casos as atividades podem acontecer no leito ou até mesmo não acontecer (Schmengler; Freitas; Pavão, 2018).

Assim, o atendimento educacional tal como o planejamento deve ser pautado na flexibilidade, pois as debilidades clínicas e conflitos emocionais que repercutem na experiência do estudante e dos seus familiares devem ser considerados (Oliveira; Santos Neto, 2023). Nesse sentido, conforme Santos, Conceição e Cavalcante (2020) essa atuação se alinha a uma concepção freireana de que ensinar é criar possibilidades para construção de conhecimento.

O/a pedagogo/a hospitalar é um mediador/a que estuda e avalia cada caso, elaborando metas e ações como planos de aula que respeitem as especificidades de cada aluno-paciente, sugerindo, acrescentando e adaptando atividades para que se continue promovendo o processo de aprendizagem.

Fonseca (1999, p. 126), acredita que o pedagogo hospitalar:

[...] é capaz de incentivar o crescimento e desenvolvimento somatopsíquico, intelectual e sócio-interativo. Uma vez que a criança não tem seu crescimento e desenvolvimento interrompido por estar hospitalizada, a presença do professor que conhece as necessidades curriculares desta criança torna-se um catalisador que, ao interagir com a criança proporciona-lhe condições para a aprendizagem. Isto aproxima a criança dos padrões cotidianos da vida.

Por isso, acreditamos que o diálogo é imprescindível para uma mediação afetiva que possa contribuir para que a criança esqueça por alguns momentos que está hospitalizada e reviva a rotina do cotidiano antes da internação, assim as atividades lúdicas, os jogos pedagógicos e a brinquedoteca são instrumentos pedagógicos valiosos tanto para promover quanto para reafirmar os saberes.

No que diz respeito aos procedimentos pedagógicos no hospital, o educador contata a escola do aluno, de modo a apresentar o trabalho desenvolvido na classe hospitalar e requisitar os conteúdos que estão sendo vistos em sala de aula (Pinel; Bragio; Sobroza, 2021). O registro das aulas nas classes hospitalares é feito através de um relatório individualizado do aluno onde é descrito a temática abordada, os procedimentos utilizados e a avaliação que inclusive é feita de maneira processual e contínua. Esse relatório deve ser enviado à instituição escolar do educando de modo que se possa aproveitar o atendimento hospitalar para frequência e atividade escolar do educando (Linheira; Cassiani; Mohr, 2013).

Mesmo na condição de enferma a criança tem necessidade de vivenciar atividades que são direitos legais dela como o aprender e o brincar, o espaço das classes hospitalares e das brinquedotecas nos hospitais atuam como uma espécie de elo que rememora a vida externa anterior à internação. Conforme Rolim e Góes (2009), esses espaços no ambiente hospitalar dá um novo sentido aos educandos, pois a criança reconquista um espaço que lhe foi usurpado e que por alguns minutos lhe distancia de uma rotina hospitalar que acontece sem sua permissão e que pode gerar inseguranças e medo. Isso fica evidenciado nesse fragmento do estudo de Teixeira *et al.* (2016): “Quando havia recesso escolar, Pedro se mostrava bastante triste. As aulas, segundo ele mesmo narrava à professora, o fazia esquecer da dor das injeções e do mal-estar que o tratamento causava” (p. 438).

Nos estudos analisados constatamos que a abordagem lúdica é uma importante aliada no processo de desenvolvimento de aprendizagens, uma vez que trabalha com o imaginário das crianças, é também conforme Souza e Rolim (2019) a ludicidade uma forma do educando também se reafirmar enquanto sujeito no mundo. Outro importante aliado é a contação de histórias.

Rodrigues *et al* (2018) percebe que recriação de contação de histórias consegue fazer as crianças se reportar para a vida externa, revelando assim seus sentimentos. Isso fica evidente nesse relato presente no estudo de Rodrigues e colaboradores, quando uma criança reconta a história dos três porquinhos da seguinte maneira: “numa casinha no meio do mato morava três menininhos que gostava de brincar no rio, mas um dia um precisou ir no médico. Ele ficou muito triste, mas depois passou, porque ele fez mais amiguinhos e no final ficou tudo bem, porque eles brincavam e contavam muitas historinhas legal” (2018, p. 60), percebe-se o sentimento dessa criança com a internação e posteriormente com o desenvolvimento das atividades com o pedagogo hospitalar.

Linheira, Cassiani e Mohr (2013) afirmam que o brincar favorece a interação, o imaginar e uma nova forma de aprender e construir conhecimentos, além de ser uma excelente maneira para começar a estabelecer vínculo e confiança entre o pedagogo e o educando, visto que se eles não se sentem à vontade e acolhidos para se expressarem, não interagem e assim a aprendizagem é comprometida. Conforme Brito (2021), o lúdico proporciona uma construção de conhecimento prazerosa para o aluno, alimentando a sensação de bem estar não só durante a aula na classe, mas também após com a criação de expectativa por parte da criança de qual será a nova atividade que vai ocorrer no próximo atendimento.

### **3.2 Pedagogia hospitalar: os desafios**

Um dos principais desafios relativos à pedagogia hospitalar, diz respeito à formação desse profissional, pois envolve dimensões múltiplas. Conforme Batista (2014) a formação do pedagogo hospitalar precisa contemplar a dimensão da educação inclusiva, tendo em vista que a diversidade de cultura, nível e modalidades escolares estarão presentes nesse contexto.

O estudo de Rodrigues *et al* (2018) reafirma que a especialização na área da Educação Especial ou especificamente em pedagogia hospitalar é imprescindível, já que é preciso uma espécie de capacitação psicológica para lidar com situações de trabalho que não são “naturais” do cotidiano educativo e que podem segundo Teixeira *et al.* (2016) causar o adoecimento psicológico dos docentes pela transferência dos sentimentos que perpassam o ambiente hospitalar, uma vez que questões como morte, dor e sofrimento dos seus educandos e familiares, estão fortemente presentes nesse lócus. O relato da pedagoga hospitalar Rafaela sobre a perda de um aluno para o câncer revela justamente isso, conforme a mesma: “[...]”

havia se formado para lidar com questões de ordem educacional e não com o sofrimento e morte de seus educandos” (Teixeira *et al*, 2016, p. 438).

Em Pinel *et al* (2021) uma educadora hospitalar narra o sofrimento relacionado as percas de alguns de seus alunos e demonstra o significado dessas experiências:

No começo eu entrava naquele banheirinho ali para chorar. Até hoje ainda fico muito sentida com a perda dos alunos. (...) é muito sofrimento ver isso, crianças morrendo, criança não deveria sofrer. Hoje eu já consigo compreender que cada um tem o seu tempo, tem criança que vai ter alta e voltar para sua casa, sua rotina, sua escola, seus amigos, mas, infelizmente, terão outras que não voltarão. (...) Algumas vezes reclamamos das condições do nosso ofício de uma escola regular, mas deveríamos reconhecer que lugares como esse, nos enriquecem as experiências e valores, a vida e ao sofrimento (p. 8-9)

Além disso, a formação é importante para alinhar conhecimentos pedagógicos e de saúde não só para compreender o funcionamento hospitalar, mas também as intervenções possíveis, os limites da doença que acomete a criança e as possibilidades de adequação das atividades a serem desenvolvidas (BRASIL, 2002), isso se traduz no relato da pesquisa desenvolvida por Brito (2021) “[...] houve uma intercorrência. Carlos golfou de modo abundante. A Educadora rapidamente levantou a cabeça dele para que não se sufocasse e pediu para que eu acionasse a enfermagem” (p. 176), a ação da educadora hospitalar reafirma a importância dessa formação integrativa dos conhecimentos pedagógicos e da saúde.

Ademais, Souza e Rolim (2019) compreendem que um dos grandes desafios que permeiam o âmbito da pedagogia hospitalar se faz na resistência do associar educação e saúde. Há uma grande falta de reconhecimento da educação como aspecto imprescindível para o desenvolvimento infantil, no hospital conforme relatado pelas professoras às práticas clínicas possuem maior valor em detrimento as práticas pedagógicas.

Oliveira e Santos Neto (2023, p. 7) compreendem “[...] o ato educacional do pedagogo propicia oportunidades contra a marginalização dos direitos à cidadania dos sujeitos enfermos e assegura uma hospitalização sem altos comprometimentos às dimensões cognitivas e emocionais, porque esta área se responsabiliza pela equidade, pelo reconhecimento da formação deste ambiente para a realização das aulas”, com isso reiteramos que o espaço hospitalar também é lugar de luta para que a educação resista e atue ressignificando a vida daqueles que são e estão estigmatizados socialmente.

Atuar nesse segmento é conviver com o sentimento do não reconhecimento da importância da educação enquanto direito que deve ser assegurada a criança enferma, isso é revelado no seguinte relato de uma pedagoga hospitalar:

Eu sinto que algumas vezes nós professoras somos excluídas da equipe de saúde. Não por eles, mas pelo processo de uma forma geral. O cuidado com a saúde é carro chefe, como se fosse o único direito da criança e do adolescente internado, mas esquecem que a educação também é um direito que deve ser assegurado ao aluno internado que está impossibilitado de ir à escola regular (Pinel; Bragio; Sobroza, 2021, p. 9).

Com isso entendemos que é primordial que os profissionais de saúde e educação trabalhem em consonância de modo que o objetivo final da atuação desses profissionais seja a recuperação plena da saúde física, emocional e social da criança.

### 3.3 A formação inicial do pedagogo: repensando o currículo

Conforme pressuposto no início desse estudo, não há tantos estudos relacionados à pedagogia hospitalar, uma rápida pesquisa a partir desse descritor na plataforma Google Acadêmico (2024) resulta em apenas 2.660 resultados entre artigos e teses, esse quantitativo em detrimento a outro campo pedagógico como educação especial que gera a partir desse descritor um total de 268.000 resultados, demonstra ainda o pouco conhecimento e/ou investimento de estudos nesse segmento. Além disso, a revisão da literatura apontou que muitas unidades hospitalares sequer possuem classes, contando apenas com brinquedotecas (ressaltamos que a existência dessas nos espaços de atendimento pediátrico é amparada legalmente por meio da lei nº 11.104, de 21 de março de 2005). Revelando a falta de comprometimento e interesse de políticas públicas que invistam na continuidade da aprendizagem de crianças e adolescentes internados por longos períodos, contribuindo assim com a marginalização desses sujeitos que não exercem seus direitos legais.

No que diz respeito à formação inicial de professores com relação à atuação no âmbito hospitalar, infelizmente ainda há pouco investimento. Conseguimos por meio de um mapeamento dos Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC) ofertados pelas Universidades Federais do Nordeste assim como de suas matrizes curriculares (quadro 2), identificar se a pedagogia hospitalar tem espaço considerado nas práticas educacionais dos cursos de licenciatura em pedagogia.

Universidades Federais Nordestinas	Componente Curricular: Pedagogia hospitalar	Componente Curricular Similar	Disponível em:
Universidade Federal de Alagoas – UFAL: <i>Campus do sertão</i>		Não foi identificado componente similar	<a href="https://campusdosertao.ufal.br/graduacao/pedagogia-pril/projeto-pedagogico-do-curso-ppc/ppc-pedagogia-pril-2022.pdf/view">https://campusdosertao.ufal.br/graduacao/pedagogia-pril/projeto-pedagogico-do-curso-ppc/ppc-pedagogia-pril-2022.pdf/view</a>

Universidade Federal da Bahia – UFBA	X		<a href="https://faced.ufba.br/sites/faced.ufba.br/files/curriculo_do_curso_de_licenciatura_em_pedagogia.pdf">https://faced.ufba.br/sites/faced.ufba.br/files/curriculo_do_curso_de_licenciatura_em_pedagogia.pdf</a>
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB	X		<a href="https://www.ufrb.edu.br/cfp/images/NUGTEAC_2019/PPC_de_Pedagogia_-_Noturno.pdf">https://www.ufrb.edu.br/cfp/images/NUGTEAC_2019/PPC_de_Pedagogia_-_Noturno.pdf</a> <a href="https://sistemas.ufrb.edu.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/2815613">https://sistemas.ufrb.edu.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/2815613</a>
Universidade Federal do Cariri – UFCA: <i>Campus Brejo Santo</i>		Não foi identificado componente similar	<a href="https://documentos.ufca.edu.br/wp-folder/wp-content/uploads/2022/12/PPC-CURSO-DE-PEDAGOGIA-LICENCIATURA-16.05.2022-1.pdf">https://documentos.ufca.edu.br/wp-folder/wp-content/uploads/2022/12/PPC-CURSO-DE-PEDAGOGIA-LICENCIATURA-16.05.2022-1.pdf</a>
Universidade Federal do Ceará – UFC	X		<a href="https://faced.ufc.br/wp-content/uploads/2018/09/ppc-vespertino-noturno-07-10-2014-revise3o-mec-publicar-13-11.pdf">https://faced.ufc.br/wp-content/uploads/2018/09/ppc-vespertino-noturno-07-10-2014-revise3o-mec-publicar-13-11.pdf</a>
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB: <i>Campus dos Malês</i>		Estágio Supervisionado II: Espaços não Escolares	<a href="https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/11/PPC-Pedagogia-Alterac%C3%A3o-19.pdf">https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/11/PPC-Pedagogia-Alterac%C3%A3o-19.pdf</a>
Universidade Federal do Maranhão – UFMA		Não foi identificado componente similar	<a href="http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/Oc0sXZD9CxtFr19.pdf">http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/Oc0sXZD9CxtFr19.pdf</a>
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG: <i>Campus Cajazeiras</i>		Sociedade Contemporânea e Pedagogia	<a href="http://www.cfp.ufcg.edu.br/PPC_2009_4Versao_FINAL.pdf">http://www.cfp.ufcg.edu.br/PPC_2009_4Versao_FINAL.pdf</a>
Universidade Federal da Paraíba – UFPB		Não foi identificado componente similar	<a href="https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2020199221efa921518519f54f8304298/PEDAGOGIA_MSC_N_61_2007.pdf">https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2020199221efa921518519f54f8304298/PEDAGOGIA_MSC_N_61_2007.pdf</a> <a href="https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2015115006968e09983915f56990d82b/Resoluo_64_2006.htm">https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2015115006968e09983915f56990d82b/Resoluo_64_2006.htm</a>
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE		Não foi identificado componente similar	<a href="http://ufape.edu.br/CCLPE.CAMUS">http://ufape.edu.br/CCLPE.CAMUS</a>
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: <i>Campus Acadêmico do Agreste</i>	X		<a href="https://www.ufpe.br/documents/39106/479817/PPC_Pedagogia+atualizado+01.11.pdf/e8795ade-3756-4756-a13f-18cae218a79d">https://www.ufpe.br/documents/39106/479817/PPC_Pedagogia+atualizado+01.11.pdf/e8795ade-3756-4756-a13f-18cae218a79d</a>
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: <i>Campus Recife</i>		Processos formativos em espaços não escolares	<a href="https://www.ufpe.br/documents/39399/0/pedagogia_perfil_1322.pdf/43b7d557-c354-47a2-a826-ba5cf695a8d0">https://www.ufpe.br/documents/39399/0/pedagogia_perfil_1322.pdf/43b7d557-c354-47a2-a826-ba5cf695a8d0</a>
Universidade Federal		Estágio Supervisionado	<a href="http://lp.ufrpe.br/sites/lp.ufrpe.br/files/Projeto%20Pedag%C3%B3gico">http://lp.ufrpe.br/sites/lp.ufrpe.br/files/Projeto%20Pedag%C3%B3gico</a>

Rural de Pernambuco – UFRPE		Obrigatório em processos educativos não-formais	<a href="#">%20do%20Curso%20de%20Licenciatura%20em%20Pedagogia_0.pdf</a>
Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF		Pesquisa e Prática Educativa II	<a href="https://portais.univasf.edu.br/sead/cursos/licenciatura-em-pedagogia-1/documentos/ppc-pedagogia-versao-final-aprovado.pdf/@download/file/PPC_PEDAGOGIA_VERS%C3%82%00FINAL_aprovado.pdf">https://portais.univasf.edu.br/sead/cursos/licenciatura-em-pedagogia-1/documentos/ppc-pedagogia-versao-final-aprovado.pdf/@download/file/PPC_PEDAGOGIA_VERS%C3%82%00FINAL_aprovado.pdf</a>
Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr		Não foi identificado componente similar	<a href="https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=74133&amp;lc=pt_BR">https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=74133&amp;lc=pt_BR</a>
Universidade Federal do Piauí – UFPI		Metodologias e Contextos da Atuação Pedagógica	<a href="https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/cdac/PPC-PEDAGOGIA-aprovado-dez_201820190712162905.pdf">https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/cdac/PPC-PEDAGOGIA-aprovado-dez_201820190712162905.pdf</a>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN	X		<a href="https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&amp;id=50799262">https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&amp;id=50799262</a>
Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA		Ação Educativa em Espaços Não Escolares	<a href="https://documentos.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/79/2016/02/PPC-Pedagogia-UFRSA-APROVADO-NO-CENTRO-MULTIDISCIPLINAR-DE-ANGICOS.pdf">https://documentos.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/79/2016/02/PPC-Pedagogia-UFRSA-APROVADO-NO-CENTRO-MULTIDISCIPLINAR-DE-ANGICOS.pdf</a>
<sup>3</sup> Universidade Federal de Sergipe – UFS		Não foi identificado componente similar	<a href="https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf?lc=pt_BR&amp;id=320229">https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf?lc=pt_BR&amp;id=320229</a>

Quadro 2. Fonte: autoria própria (2023)

Das dezoito (18) instituições que ofertam o curso de Pedagogia na modalidade presencial, apenas cinco (5) possuem a pedagogia hospitalar enquanto componente curricular optativo de suas matrizes curriculares e em sete (7) instituições não foi possível identificar algum componente similar que ao menos abrangesse a atuação pedagógica nos espaços não escolares. Sete (7) universidades incluem em seus currículos componentes curriculares similares tais como: estágio em espaços não escolares; sociedade contemporânea; processos formativos em espaços não escolares; pesquisa e prática pedagógica; metodologias e contextos da atuação pedagógica e ação educativa nos espaços não formais. Mas não podemos afirmar que a temática da pedagogia hospitalar está sendo contemplada nesses componentes,

<sup>3</sup> Não conseguimos obter acesso aos PCC's da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr e Universidade Federal de Sergipe – UFS, porém a matriz curricular das instituições revelou não haver um componente curricular voltado à pedagogia hospitalar ou a educação não formal.

embora oportunize aos futuros profissionais experiências formativas que vão além dos espaços formais da educação.

Essa percepção de fragilidade em um investimento da temática hospitalar na formação inicial em pedagogia também é percebida pelos profissionais atuantes nesse âmbito como explicitado a seguir:

Professora: na formação inicial eu acho que ainda tem muita lacuna. Quem tá fazendo a formação inicial é... Pernambuco, por exemplo, ainda é falho nesse sentido. Ele não trabalha no âmbito desse novo fazer pedagógico. Então, as faculdades e universidades não têm ainda sequer uma disciplina optativa de classe hospitalar. Então, outros Estados já têm, por exemplo, eu poderia citar Salvador, eu poderia citar Natal que já têm no âmbito da universidade. Porque é um fazer e é um saber específico, não é qualquer pessoa que vai vir pra cá e vai dar aula. (Santos; Conceição; Cavalcante, 2020, p. 646).

De maneira geral, identificou-se que embora os PCC's prezem por oportunizar uma formação pedagógica atualizada que contemple a atuação do pedagogo nos mais variados âmbitos, a educação hospitalar vem tendo pouco ou nenhum destaque nos currículos, muito embora esteja explicitada na lei e por isso tornando-se necessária no processo formativo do pedagogo. Com isso, acreditamos que há necessidade de reformulação nos cursos de graduação, de maneira que ofereçam mais suporte aos futuros profissionais que pretendem atuar na educação não formal e em nosso estudo mais especificamente no contexto hospitalar, minimizando assim esse desafio.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O nosso estudo buscou entender como a pedagogia hospitalar possibilita a continuidade da aprendizagem de crianças internadas por longos períodos, tendo em vista que acreditamos que hospitalização não deve ser necessariamente, impedimento para exercício ao direito educacional. Para isso, foi preciso refletir como ocorre à atuação pedagógica no ambiente hospitalar e identificar os desafios que permeiam a pedagogia hospitalar, a partir da narrativa dos profissionais da área segundo a literatura.

Entendemos que a atuação pedagógica no âmbito hospitalar, não se configura como assistencialismo ou ocupação de tempo ocioso do aluno, mas sim como um trabalho sistematizado que necessita de preparo emocional e técnico, visto que, nesse espaço, o educador pode enfrentar situações de trabalho com alunos que podem ter doenças graves, fora de recursos que possibilitem sua recuperação física, lidando cotidianamente com questões

como: dor, sofrimento, temor e morte. Também é necessário ampliar aprendizagens no sentido que a educação hospitalar é uma educação inclusiva que lida diariamente com diversidades culturais, sociais, de níveis e modalidades escolares distintas e adquirir conhecimentos em saúde de modo que se compreendam os limites da doença que acomete a criança, para assim entender as possibilidades de práticas pedagógicas que respeitem sua condição.

Percebemos que há um déficit de investimento em políticas públicas que consolidem a formação profissional nesse segmento, muito embora saibamos que a educação é um direito social legitimado através da Constituição Federal e que a condição de internação não deve ser necessariamente um empecilho para exercício desse direito, poucas crianças no país usufruem da educação hospitalar. Como pressupomos, a temática possui pouca visibilidade e confirmamos isso através do mapeamento e análise das propostas pedagógicas curriculares (PPC's) das instituições federais do nordeste, embora em comum todos os documentos reconheçam que atuação do pedagogo acontece não só nos espaços formais de ensino, a materialização desses - especificamente no contexto hospitalar - ainda não está consolidada nas formações iniciais.

Essa lacuna demonstra a negação de um direito constitucional às crianças que não podem frequentar o ambiente escolar por motivo de internação hospitalar prolongada. Ademais, a real materialização das classes nos hospitais brasileiros vem ressaltar a pouca atenção por parte das políticas públicas, pois muito embora não possamos negar os avanços que já ocorreram desde seu surgimento, ainda não são suficientes para que a população infantil usufrua.

Acreditamos ser necessário mais investimentos na formação inicial de educadores, principalmente na temática da educação não formal, e especificamente aqui, na pedagogia hospitalar. Bem como a necessidade de ampliação de mais classes hospitalares espalhadas pelo Brasil. Essas são ações imprescindíveis para que mais crianças tenham acesso a esse serviço, exercendo seus direitos e diminuindo, dessa forma, os estigmas que rodeiam os educandos enfermos e internados por longos períodos. Uma vez que o atendimento pedagógico hospitalar é amparado legalmente, e os estudos evidenciaram o quão importante esse atendimento é na recuperação da saúde e qualidade de vida das crianças e adolescentes hospitalizados.

Com isso, compreendemos que a pedagogia hospitalar ainda possui um longo caminho a percorrer até a sua real consolidação nos espaços acadêmicos (nas formações iniciais de

educadores) e nos espaços hospitalares (lócus onde o direito a saúde é o carro chefe). Porém, é indiscutível que ela oportunizar a materialização das garantias legais das crianças como o direito a educação e saúde. Por meio da literatura observamos que o trabalho em parceria com os profissionais da saúde auxiliou na melhoria na qualidade de vida, corroborando na recuperação da saúde em seu sentido mais amplo.

Reiteramos que nosso estudo não conseguiu abarcar a diversidade de dimensões que se pode estudar sobre a pedagogia hospitalar, seja no enfoque a percepção das crianças a uma educação hospitalar, seja das contribuições dessa na perspectiva familiar ou até mesmo com enfoque apenas no pedagogo hospitalar, visto que neste estudo dialogamos de uma forma mais geral sobre a temática e se tratando de uma revisão de literatura, infelizmente, não conseguimos adentrar esse campo e compreendê-lo a partir de uma experiência nesse contexto.

Constatamos alguns dos desafios para trabalhos futuros na perspectiva de uma educação hospitalar: o direito negado, a desvalorização refletida a partir da pouca visibilidade da área desde a formação inicial, a resistência em associar educação e saúde, questões de ordem psicológica dos educadores hospitalares que lidam com situações não “naturais”, a atuação pedagógica como o sofrimento e a morte, ausência de investimento em mais classes hospitalares.

Diante disso, reafirmamos a necessidade de mais dedicação por parte das políticas públicas tanto no que diz respeito a difundir o acesso dessa temática na formação inicial de educadores, assim como na ampliação de mais classes hospitalares espalhadas pelo Brasil, de modo que mais crianças tenham acesso a esse serviço, exercendo seus direitos e diminuindo dessa forma a estigmatização que se encontram os educandos enfermos internados por longos períodos.

---

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Zahar, 1981.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei 8.069/90**. São Paulo, Atlas, 1991.

BRASIL. **Congresso Nacional. Lei Nº 13.716, de 24 de setembro de 2018**. Brasília, 2018. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm)>. Acesso em: nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC, 2002. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>>. Acesso em: novembro de 2023.

BRASIL. **Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e Adolescente (BR)**: Resolução nº 41, 13 de outubro de 1995. Dispõe sobre os direitos da criança hospitalizada. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 1995.

BARBOSA, A. S.; GIMENES, P. A. C. **Desafios e conquistas da pedagogia hospitalar: a contribuição pedagógica no processo de aprendizagem da criança hospitalizada em tratamento oncológico**. **Nucleus**, v. 14, n. 2, p. 161-174, 2017. Disponível em <<https://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/2854>> . Acesso em: jan. 2024.

BATISTA, C. A. **A classe hospitalar no Brasil e o papel do profissional docente**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação Lato Sensu em Formação de Professores – Ênfase Magistério Superior) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP, Campus São Paulo, São Paulo, 2014.

BRITO, M. M. Atendimento educacional hospitalar em uma perspectiva lúdica: processos educativos emergentes. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 5, n. 2, p. 165-179, 2021. Disponível em <<https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2021-v5-n2-p165-179>> Acesso em: 10 jan. 2024.

COSTA, J. M.; ROLIM, C. L. A. **Classe hospitalar: atendimento educacional à criança em tratamento de saúde**. **Educ. Form.**, Fortaleza, v. 5, n. 3 p. 1-16, 2020. Disponível em <<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/2098/3202>> Acesso em: 12 nov. 2023.

CRUZ, L. P. S.; SILVA, N. **Políticas educativas e direitos de cidadania: política de educação hospitalar**. BA: Mestrado Profissional em Gestão Pública e Segurança Social (PPGPSS-UFRB), 2021. Disponível em: <[https://ufrb.edu.br/portal/images/noticias2021/VOLUME\\_5\\_POL%C3%8DTICA\\_DE\\_EDUCA%C3%87AO\\_HOSPITALAR.pdf](https://ufrb.edu.br/portal/images/noticias2021/VOLUME_5_POL%C3%8DTICA_DE_EDUCA%C3%87AO_HOSPITALAR.pdf)>. Acesso em: dez. 2023.

ESTEVES, C. R. **Pedagogia hospitalar: um breve histórico**. Publicado em 2008. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2013/06/HIST%C3%93RICO-DA-PEDAGOGIA-HOSPITALAR.pdf>>. Acessado: nov. 2023.

FREITAS, L. G. Brinquedoteca e o professor brinquedista na educação em ambiente não escolar. **Revista Exitus**, v. 3, n. 1, p. 131-152, 2013. Disponível em <<https://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/307/552>> Acessado em: 09 jan. 2024.

FONSECA, E. S. Classe Hospitalar: ação sistemática na atenção às necessidades pedagógico-educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados. **Revista Educação e Pesquisa - Temas sobre Desenvolvimento**, v.8, n.44, p. 32-37. 1999.

FONSECA, E. S. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2008.

FONTES, R. S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista brasileira de educação**, n. 29, p. 119-138, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LINHEIRA, C. Z.; CASSIANI, S.; MOHR, A. Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 19, p. 535-554, 2013. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/x9nPh6LKR4SsXZnvTb5mWyD/abstract/?lang=pt> > Acesso em: 08 jan. 2024.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32. 1999.

OLIVEIRA, M. A. A.; SANTOS NETO, M. B. Pedagogia Hospitalar: os principais desafios e o processo de ressignificação dos estigmas sociais. **Revista Cocar**, v. 19, n. 37, 2023. Disponível em < <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7205/3133> > Acesso em: 15 out. 2023.

PAULA, E.M.A.T. O ensino fundamental na escola do hospital: espaço de diversidade e cidadania. **Revista Educação Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 3, p. 156-164, 2007.

PINEL, H.; BRAGIO, J.; SOBROZA, M. C. Ser professor da educação especial: experiência narrada e vivida (no hospital e) na classe hospitalar. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 15, p. 1-14, 2021. Disponível em < <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3395/1131> > Acessado em: 08 jan. 2024.

QUINTANA, A. M. *et al.* A vivência hospitalar no olhar da criança internada. **Ciência, cuidado e saúde**, v. 6, n. 4, p. 414-423, 2007. Disponível em < [https://www.academia.edu/3465606/A\\_viv%C3%Aancia\\_hospitalar\\_no\\_olhar\\_da\\_crian%C3%A7a\\_internada](https://www.academia.edu/3465606/A_viv%C3%Aancia_hospitalar_no_olhar_da_crian%C3%A7a_internada) > Acesso em: 24 fev. 2024.

RODRIGUES, J. M. C. **Classes Hospitalares: o espaço pedagógico nas unidades de saúde**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

RODRIGUES, K. R., BELANCIERI, M. F., CAPELLINI, V. L. M. F., & DOS REIS, V. L. Pedagogia hospitalar: intervenções na unidade pediátrica a partir da contação de histórias. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, 39(1), p. 53-64, 2018. Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/sem/v39n1/a05.pdf> > Acesso em 08 jan. 2024.

ROLIM, C. L. A.; GÓES, M. C. R. Crianças com câncer e o atendimento educacional nos ambientes hospitalar e escolar. **Educação e Pesquisa**, v. 35, p. 509-523, 2009. Disponível em

< <https://www.scielo.br/j/ep/a/VrvZ59bkXrKTcFPPPWp4ZnQ/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 09 jan. 2024.

SANTOS, R. B. G.; CONCEIÇÃO, C. C.; CAVALCANTE, T. C. F. A importância da classe hospitalar Semear do Recife no processo de continuidade da escolarização dos estudantes/pacientes com câncer. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 100, p. 633-650, 2020. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/tZfqLCLBgW9QpgnVwL3kcZP/>> Acesso em: 04 jan. 2024.

SCHMENGLER, A. R.; FREITAS, S. N.; PAVÃO, S. M. O. Acessibilidade no atendimento educacional de alunos público-alvo da Educação Especial em uma Classe Hospitalar do estado do Rio Grande do Sul. **Práxis Educativa**, v. 13, n. 1, p. 128-144, 2018. Disponível em < <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/10281/209209213076>> Acesso em: 10 jan. 2024.

SIMONATO, M. P.; MITRE, R. M. A.; GALHEIGO, S. M. O cotidiano hospitalar de crianças com hospitalizações prolongadas: entre tramas dos cuidados com o corpo e as mediações possíveis. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e180383, 2019.

SOUZA, Z. S.; ROLIM, C. L. A. As vozes das professoras na pedagogia hospitalar: descortinando possibilidades e enfrentamentos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, p. 403-420, 2019. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/rbee/a/zZjkGNXB5Mw4SxjFL97WqHp/>> Acesso em: 07 jan. 2024.

TEIXEIRA, R. A. G. *et al.* Educação inclusiva: atendimento educacional em um hospital de tratamento ao câncer em Goiás. **Revista EDaPECI**, v. 16, n. 3, p. 427-441, 2016. Disponível em < <https://periodicos.ufs.br/edapeci/article/view/5960/pdf> > Acesso em: 07 jan. 2024.

VASCONCELOS, S. M. F. Intervenção escolar em hospitais para crianças internadas: a formação alternativa re-socializadora. In: **I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL**. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.

LUCIELLY MARIA DOS SANTOS

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: visibilidade, atuação e desafios**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 20 de março de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Fernanda Sardelich Nascimento (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Filipe Ferreira Silva (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Manuel Bandeira dos Santos Neto (Examinador Externo)  
Universidade Estadual do Ceará